

# A DISTÂNCIA DOS FILHOS

## Reflexões sobre núcleos familiares divididos pela migração

Igor José de Renó Machado \*

Alexandra Gomes de Almeida \*\*

**E**ste artigo procura refletir sobre as conseqüências dos movimentos migratórios internacionais brasileiros para as crianças que ficam do lado de cá da viagem. Em nossas pesquisas identificamos muitas situações em que ou o pai, ou a mãe, ou ambos, partem para a aventura migratória, deixando seus filhos sob cuidados de parentes, amigos ou até sob cuidados de pessoas contratadas para isso. Do ponto de vista dos que ficam, como são vistos os arranjos para a criação dos filhos dos migrantes, como se configura esse processo? Que reflexões produzem sobre a educação e desenvolvimento dessas crianças? Como os pais que deixam seus filhos sob os cuidados de terceiros são encarados nessa situação? Quais os custos emocionais envolvidos nesses processos?

Procuraremos aqui refletir sobre essas questões a partir do trabalho de campo realizado em Governador Valadares, entre familiares de pessoas que migraram para Portugal, segundo lugar de destino dos valadarenses, depois dos EUA. A região brasileira de Governador Valadares é conhecida como um dos principais pólos de migração internacional brasileira. Vários autores se debruçaram sobre este fato e arriscaram explicações históricas: o consenso geral

é que o movimento teve início nos anos 50, com a vinda de empregados americanos das firmas de exploração de pedras preciosas. Muitos desses estrangeiros voltaram levando trabalhadoras domésticas para os EUA, detonando um lento processo que veio a se adensar na década de 80, quando houve um crescimento do número de agências de turismo que funcionavam como bancos, dolarizando a economia (Assis, 1999; Fusco, 2001; Scudeler 1999; Soares, 1999). O processo gerou em governador Valadares um *habitus* de migrar para o exterior, vinculado inicialmente aos EUA. Procedeu-se uma produção gradual de redes transnacionais: “criou-se uma ampla rede de relações em Governador Valadares, que envolve companhias de turismo, despachantes, doleiros e redes de parentesco que se articulam nos EUA e na cidade. Assim, os emigrantes utilizam-se das redes sociais tanto para permanecerem nos EUA quanto para manterem laços com o Brasil.” (Assis, 1999, p.131)

A indústria da imigração ilegal também acompanhou este processo, criando perigosas oportunidades de entrada nos EUA através da fronteira seca México/EUA. O custo e o risco são enormes, como revelou o projeto “Família e indústria da migração: novas

conexões entre Governador Valadares e Portugal” (Machado, 2005/2006). Tão grandes que os valadarenses começaram a procurar outras opções para emigrar e Portugal aparece como o segundo destino de muitos, bem como a Inglaterra. Assim, fluxos de migrantes valadarenses para Portugal têm sido intensos desde meados da década de 90, aumentando a extensão das redes migratórias que partem da região de Valadares. Tal fato ficou evidente com o assassinato de Jean Charles de Menezes, mineiro da região de Valadares, pela polícia britânica. Confundido com terrorista, Jean Charles foi assassinado em circunstâncias pouco esclarecidas até hoje. Para além da enorme comoção que tal fato gerou no Brasil e no mundo, ele evidenciou a extensão da migração brasileira e, especialmente, da migração da região de Valadares.

Em Portugal, o grande fluxo de migrantes oriundos da região de Valadares foi tão importante que chegou a produzir uma alteração no perfil do migrante brasileiro naquele país, como demonstram o survey organizado pela Casa do Brasil de Lisboa (2004) e os trabalhos de Machado (2005) e Peixoto e Figueiredo (2006). Essa alteração de perfil foi acompanhada, evidentemente, por diferentes processos de construção identitária, como o trabalho de Oliveira

(2006) e Techio (2006) bem o demonstram.

A pesquisa foi realizada em Governador Valadares em quatro momentos: o primeiro realizado em julho de 2005 por Ellem Saraiva Reis e Lara Rezende, o segundo realizado em fevereiro de 2006 por Ellem Saraiva Reis e Alexandra Gomes de Almeida, o terceiro realizado em fevereiro de 2007 e o quarto em julho de 2007, ambos por Alexandra Gomes de Almeida e Thaísa Yamaue<sup>1</sup>. Foram realizadas cerca de 70 entrevistas semi-estruturadas nesses quatro momentos. Os entrevistados são, em geral, moradores de bairros pobres da cidade, marcados pela grande emigração internacional. Os relatos aqui aparecem, constantemente, em terceira pessoa: o/a entrevistado/a conta histórias de parentes, conhecidos, amigos ou de “ouvir falar”. Evidentemente, não interessa a veracidade dessas histórias, mas a sua verossimilhança para os sujeitos que a contam.

O quarto período de pesquisa, o mais recente, preocupou-se especificamente com a questão das crianças, tendo sido realizadas entrevistas diretamente com crianças em escola pública de ensino básico em bairro de grande tradição migratória. A discussão sobre as conseqüências da migração para a vida das crianças será exposta aqui em duas partes: a primeira que se refere à perspectiva dos adultos sobre o fato e a segunda que se refere à perspectiva das próprias crianças. Como o volume de informação que obtivemos dos adultos foi maior, o “ponto de vista dos adultos” sobre o processo terá mais espaço, mas ainda assim é possível ponderar os distintos pontos de vista.

## VISÃO DOS ADULTOS<sup>2</sup>

Os filhos são um grande dilema, fruto de angústias e sofrimentos. O fato é que muitos pais e mães têm que conviver com

a ausência de seus filhos, quando partem para o exterior. E os filhos convivem com a ausência de um ou ambos os pais durante longos períodos de tempo, às vezes a separação é definitiva. Organizar a vida dos filhos na ausência dos pais ou de um deles é um problema muito sério. Quem tomará conta dos filhos? Eles serão bem tratados? Haverá recursos para enviar e sustentar as crianças? Deve-se levar os filhos? Deve-se levar *todos* os filhos?

Uma amiga de Joelma, uma de nossas entrevistadas, voltará aos EUA, por exemplo, levando apenas uma das filhas, enquanto a outra ficará com a avó materna, que mora no mesmo bairro. Há um certo conformismo gradual com a distância e, como nos diz Joelma, os filhos já não sentem tanto a falta. Cláudio nos conta de seu primo, cujo pai está em Portugal: o menino não conhece o pai e sempre pergunta por ele, só conhece as fotos. Um dos irmãos de Lucimar tem um filho do primeiro casamento, que mora com sua mãe, a avó paterna: a criança foi criada pela avó e visitava a mãe em alguns finais de semana. A atual mulher do irmão de Lucimar, este em Portugal há três anos, planeja migrar definitivamente para Portugal e pretende levar o enteado. Para Lucimar isto é muito bom, “pois lugar de filho é junto ao pai”.

São mais comuns os casos em que o pai está ausente no exterior, seguindo-se os casos em que ambos os pais estão fora. Casos de mãe ausente são mais raros e preponderam quando a separação do casal aconteceu anteriormente à migração. Há uma lógica, portanto, na organização do parentesco que dita o “abandono” mais ou menos temporário dos filhos: a ausência do marido é a mais tolerada, seguida da ausência do casal e da ausência da mãe, mas apenas quando ela já está separada. Em nossas entrevistas, encontramos apenas uma história sobre mãe ausente com marido e filhos no Brasil. Assim, há uma determinação do lugar da mãe que é

muito forte, pois ela em geral é substituída por uma mãe segunda (no caso, alguma das avós) no caso da migração do casal. Mas a essa importância do lugar da mãe, está relacionada uma discriminação latente em relação à mulher do marido ausente: passam a serem tratadas como espécies de “viúvas de maridos vivos” e, portanto, potencialmente disruptivas. O lugar de “viúva de marido vivo” é uma ameaça às demais mulheres casadas e à honra do marido ausente. Elas são submetidas à intensa vigilância, portanto.

Os casos em que os filhos não ficam com os avós parecem inspirar pena nos entrevistados, como uma alteração da ordem natural das coisas e como uma situação de potencial desajuste. Mas há outros vários ajustes, em relação aos filhos: um exemplo é o caso da tia de Sabrina: ela e o marido migraram e os três filhos ficaram no Brasil, morando sozinhos (já tinham mais idade). Esses arranjos são temerários, do ponto de vista dos entrevistados, e acabam sempre em problemas de comportamento dos filhos, vistos como abandonados. Um dos primos de Sabrina, filho dessa tia, começou a se “envolver com drogas” e o casal decidiu levar também os filhos para Portugal: primeiro o mais novo depois os dois mais velhos.

As histórias que se contam desses arranjos alternativos em geral têm um tom trágico: outra amiga de Sabrina, já mãe de uma filha adolescente, casou-se novamente e teve outra filha. Ela se separou e decidiu migrar para Portugal, deixando a segunda filha com o pai e a primeira morando sozinha. O desfecho também foi preocupante: mediante os comentários que a menina se envolvia com prostituição, a amiga de Sabrina voltou para buscá-la. Esses dois exemplos indicam histórias moralizantes, que são quase pedagógicas, pois tendem a desestimular arranjos alternativos para deixar os filhos. Deixar filhos sozinhos é um problema que levará ao envolvimento destes com ambientes

recrimináveis. Os pais deverão, no fim das contas, necessariamente resgatá-los e estabelecer a ordem moral de que o lugar dos filhos é junto aos pais.

Outro arranjo alternativo foi o de Mariléia, que seguiu o marido na migração (por conta das fofocas de que o estaria traindo) e teve que deixar os filhos. Primeiramente, os deixou aos cuidados de uma moça, que foi paga para isso, mas, segundo ela, os filhos foram “muito maltratados”. Depois foram morar com a avó materna e também não deu certo, por motivos que a entrevistada não quis esclarecer. Agora, Mariléia prepara os filhos para morar com uma sua amiga, de quem os filhos, duas meninas e um menino, gostam muito. Mariléia resigna-se ao fato de ter que ficar longe dos filhos, pois acredita que esses já se *acostumaram* à distância. O caso de Mariléia também é exemplar por demonstrar um pouco da dinâmica da fofoca e do lugar da “viúva de marido vivo”, que é a esposa do migrante ausente. Sob estrita vigilância, teve que partir para a migração com o marido, para não ver o casamento acabar. Mas teve que deixar os filhos em situações arriscadas para fazer isso.

Seu Joaquim ilustra dois casos em relação às crianças e a migração: seu filho emigrou após se separar e deixou no Brasil sua filha, que sofreu muito no princípio, “ficando nervosa”. Mas agora, acostumada, já não sente mais falta. Uma ex-namorada de seu Joaquim também migrou, deixando com a mãe três filhos. O fato é contado em tom de desaprovação, mas a ressalva é que ela nunca deixou de mandar o dinheiro para sustentar as crianças, o que significa que ela tem tido o cuidado de manter ativos os laços e as relações com os filhos e com a sua mãe, que toma conta dos pequenos. Também esse exemplo ilustra outra dinâmica comum: quando a mãe (ou o casal) pensa em trazer os filhos, em geral não pode trazer todos, se tem mais de um. A escolha, então, recai geralmente no mais novo, aquele que é visto como o

mais vulnerável entre os filhos. É por isso que a ex-namorada de seu Joaquim voltará logo para levar a filha mais nova (agora com sete anos) para Portugal.

Selma também nos indica como a migração serve para esmaecer os laços outrora criados: seu ex-marido, com quem tem uma filha adolescente, migrou após a separação e envia apenas 50 reais por mês de pensão.

Quando as famílias, de antemão, estão estruturadas de formas distintas daquela considerada moralmente adequada pelos nossos entrevistados, a migração aparece como uma opção perigosa. É o caso de Tatiana, que embora queira muito emigrar, não pretende fazê-lo. Separada e com uma filha pequena, não teria como levar a filha. Teria que deixá-la com a própria mãe, avó da menina. Mas isso abriria ao ex-marido a possibilidade de pedir a guarda da criança, o que Tatiana teme muito. Assim, para não correr o risco, decidiu não emigrar e ficar perto da filha.

Mas mesmo o arranjo dos filhos que ficam com avós paternos ou maternos não é tão bem recebido assim. Um dos assistentes sociais, integrante do Conselho Tutelar da cidade, nos disse que quando os avós têm idade avançada, não conseguem controlar e educar os netos, podendo “ocasionar” em casos de prostituição e consumo de drogas, os dois cenários mais temidos. É o caso da sobrinha de Sebastiana, que migrou para Portugal e deixou sua filha com a mãe (avó materna). Mas a irmã de Sebastiana (a avó materna da menina) não “deu conta” de cuidar da menina, que estava dando “muito trabalho”. A mãe, então, decidiu levar a filha para Portugal também. Por outro lado, o caso contrário pode acontecer: uma amiga de Paulo foi para Portugal e deixou o filho com a sua mãe. Em Portugal teve outro filho com um Português e não pensa em voltar ao Brasil e nem em levar o filho: mas a avó, segundo Paulo, não permitiria, pois o menino é “como se fosse filho dela” e estava com a avó desde pequenino. Aqui

temos o caso em que a migração levou a rupturas definitivas nas relações: a avó “passou” à mãe e a mãe aceitou o fato.

Os casos que chegam ao Conselho Tutelar relacionados à migração são muitos, em geral tratam de denúncias de maus tratos às crianças de pais ausentes, ou de mães que não cuidam “direito” dos filhos enquanto o marido está ausente. Muitas vezes as denúncias são feitas pelos próprios pais que estão no exterior. O processo da migração, segundo esse assistente social, acarreta também em muitas disputas pela posse das crianças. Quando o Conselho Tutelar, por exemplo, constata que determinadas crianças são bem criadas tanto pelos avós maternos quanto pelos avós paternos, a disputa pela guarda chega à justiça. Há também o caso de pessoas que disputam a posse das crianças apenas pelos recursos que são enviados pelos pais para o seu sustento. Em geral isso acontece quando se trata de “pessoas mais distantes”, como babás, amigos ou parentes distantes. Com avós isso não acontece.

Aqui temos a evidência de uma lógica relacional no trato com as crianças: elas estão bem se se mantiverem dentro daquelas relações originais das quais os pais pretendem autonomia com a decisão da migração (aquela dos avós). Mas essas relações são vistas como as que naturalmente acolherão bem as crianças, mesmo com o risco de que com a idade avançada, os avós não consigam educar os netos. Mas os outros arranjos que fogem a esta lógica são condenados nas duas dimensões: podem levar os filhos para os dois caminhos mais temidos (a droga e a prostituição) e também sujeitam os filhos à ganância e aos maus tratos de quem foi pago para cuidar deles. A constatação que podemos fazer é que cuidar dos filhos não é algo que deve ser pago, ou seja, as relações prescrevem um dever de cuidar dessas crianças. O dinheiro é enviado não para pagar quem cuida, mas para sustentar os filhos e manter a relação. O dinheiro entra como fluxo de substância “à distância”,

produzindo o bem-estar material dos filhos (alimentação, roupas, escola, brinquedos, etc.) e amarrando as relações na ausência da presença física dos pais, que se fazem sempre presentes através do dinheiro<sup>3</sup>.

A contradição desse processo de emigrar para constituir a própria centralidade do casal na migração é que para fazer isso muitos acabam por acentuar a centralidade daquelas relações que pretendem abolir: é o caso dos casais que migram e deixam os filhos sob a guarda de uma das avós. São muitos os exemplos em que a migração é feita em dupla, simultaneamente ou não (em geral o marido migra primeiro e depois leva a mulher). Quando isso acontece, via de regra, os filhos do casal (quando existem) são criados pela avó. Como demonstrou Fonseca, a própria idéia de "criação" é uma fabricação de parentesco por vias não necessariamente consanguíneas. No caso das avós, além dos mecanismos da "criação", ou seja, a convivialidade cotidiana, a comensalidade, os cuidados são ampliados pelos laços consanguíneos. Nesse caso, os filhos do casal ficam mais e mais ligados às relações dos avós, aquelas que os pais pretendem des-relacionar para constituir a própria centralidade. Ou seja, o projeto dos pais, de construir a Casa própria (que significa mais que a casa física, mas também a centralidade nas próprias relações e independência dos pais) pode submeter a própria família a uma acentuação daquelas relações das quais se pretendia afastar.

A vontade do casal que migra junto, em geral, é acentuar a capacidade de juntar recursos e voltar antes, além de preservar a própria relação dos riscos da separação (o marido ou esposa ausente). Nesses planos não cabem os filhos, num primeiro momento. Isso os leva a uma dependência em relação àqueles que vão cuidar dos filhos na ausência do casal. O desfecho dessas situações é um retorno que pode se prolongar e, nesse caso, os filhos vão "passando" cada vez mais para

os avós: ou seja, a co-substancialidade amplia-se num grau que já se torna quase irreversível. Mesmo quando o casal volta e constrói a Casa, há casos em que os filhos continuam morando com os avós. Ou acontece tudo conforme o planejado, e os pais voltam logo, com os planos realizados e conseguem conquistar a Casa própria, tão almejada. Outra saída também freqüente é a constatação que os planos não serão facilmente atingidos ou que, enfim, a vida no exterior pode ser melhor que a vida em Valadares: nesses casos, os planos da Casa própria são transferidos para o exterior, como novo lugar de construção das relações centralizadas tão importantes às pessoas. Nesses casos, a primeira atitude dos casais é trazer os filhos para o exterior, processo que vai alimentar um mercado paralelo de "transportadores de crianças", que podem ser desde parentes até pessoas pagas para realizar tal travessia. Há, claro, soluções intermediárias e casos variados: famílias que se estruturam permanentemente à distância; casais que levam apenas alguns dos filhos para o exterior, etc.

## VISÃO DOS FILHOS

No que se refere ao ponto de vista das crianças, realizamos, ao todo, 11 entrevistas entre garotas/os de 8 a 16 anos (7 meninas e 4 meninos). A maioria das crianças *aceita* a distância do pai ou da mãe, pois sabem que os pais só querem oferecer melhores condições de vida mas, apesar delas admitirem que podem comprar mais coisas e que a vida delas melhorou, todas prefeririam o retorno imediato dos pais para Valadares. De todas as crianças apenas duas manifestaram intenção futura de migrar. As outras crianças disseram que sofrem com a saudade, que a situação é muito triste e, deste modo, elas não sentem nenhum interesse em morar no exterior. Elas afirmam que *sabem* o quanto é solitária

e difícil a vida de imigrante e desejam que os pais retornem para que todos morem no Brasil. A consciência da importância do lugar e das redes de parentela e amizade é impressionantemente alta entre as crianças com pais emigrados: para elas, nada se compara à terra natal e a presença dos amigos e parentes.

Uma das jovens, Janaína, 16 anos, tem a mãe há 11 anos nos EUA. A própria Janaína morou um tempo com a mãe, mas quis retornar para o Brasil, por não ter se adaptado, e muitos amigos de escola a criticam por ela não ter querido morar no exterior, mas ela afirma:

"Eles falam que nós somos bobas em não aproveitar a oportunidade de morar na América, mas esses amigos têm os pais por perto, em Valadares, eles não sabem o que é ter um pai ou uma mãe longe."

Todas as crianças acabam morando com avós ou tias, principalmente quando os pais são separados e é a mãe quem emigrou. As crianças não reclamam da criação dos avós ou das tias, mas sentem grande falta da figura materna. E quando é o pai quem emigra, as crianças continuam com a mãe, mas a presença da avó é constante, sempre há algum familiar mais próximo que ajuda a família. Durante as entrevistas notamos como estas crianças são mais maduras, principalmente em relação à consciência da falta que faz em suas vidas os pais por perto. E também porque algumas delas têm responsabilidades na criação de irmãos ainda mais novos, antecipando um processo de amadurecimento. Todas as garotas comentaram que ajudam a criar os irmãos e irmãs mais novos enquanto a mãe está ausente e a responsabilidade delas com a casa e com a família é maior.

Na escola onde realizamos as entrevistas, a escola pública *Arabela de Almeida Costa*, que fica no bairro Vila Mariana, entrevistamos algumas professoras, e notamos uma visão muito pessimista sobre o efeito da migração nas

“crianças que ficam”. Uma delas, Teresa, falou da dificuldade da escola em tratar a questão das crianças que sofrem com a ausência dos pais emigrados, pois a maioria dos alunos (as) possui os pais ou um deles no exterior e estas crianças têm o comportamento mudado drasticamente. Segundo a professora, os meninos ficam agressivos e as meninas tornam-se reservadas e introvertidas, além destas crianças apresentarem uma queda de rendimento no aprendizado. Com o passar do tempo e a distância da presença materna e paterna as crianças e adolescentes perdem limites, no sentido de que elas não respeitam e não reconhecem nenhum tipo de autoridade e, geralmente, causam conflitos e confusões na escola. Esse é um discurso recorrente, que causa uma espécie de discriminação moral *a priori* das famílias migrantes: o processo é visto como uma espécie de abandono da família, com potencial para desandar a educação das crianças.

E a continuidade do processo das famílias transnacionais implica em mais ameaças: como a relação com os membros de uma família separados pela migração é mediada pela circulação de presentes e dinheiro, segundo as professoras numa tentativa de diminuir e recompensar a saudade e distância da relação familiar, o resultado é que as crianças ficam “mal acostumadas”, já que possuem tudo aquilo que desejam. Assim, não aceitam nem toleram que alguma professora ou supervisora da escola tente impor limites para que se ajustem às normas da escola. Ou seja, o padrão de estruturação da família, na visão das professoras, impossibilita a percepção de autoridade por parte das crianças, sempre desobedientes.

Selma comentou sobre um garoto que lidava muito bem com a ausência da mãe que trabalhava nos EUA, porém aceitava tal condição porque a mãe enviava muito dinheiro para a criação dele, ou seja, ela mantinha um alto padrão de vida para o menino. Mas quando a mãe voltou dos

EUA para Governador Valadares e a renda familiar diminuiu, o garoto deixou de ganhar tudo o que desejava. Por conta disso começou a ter atitudes agressivas com a situação econômica da família e deixou de respeitar a mãe. Selma acredita que o garoto nunca teve nenhuma autoridade de adulto sobre a educação dele e, mesmo com o retorno da mãe, ela já havia perdido sua autoridade devido aos anos de distância da criação do filho.

Isso seria agravado pelo fato de que são os avós que criam os netos durante a ausência dos pais sem conseguirem imprimir uma educação com limites. Segundo Teresa, quando ela tenta conversar com o responsável pela criança, sempre é a avó, ou seja, senhoras em média de 70 anos de idade que não demonstram disposição para criar crianças na fase de desenvolvimento. E quando a criação está a cargo de tios ou tias, segundo a professora, esses não se preocupam em educar com valores morais familiares, pois acham que oferecer uma casa e garantir a alimentação da criança já é o suficiente. Deste modo, as crianças de pais emigrados crescem com pouco suporte da base familiar, ou seja, sem regras, limites e “carinho” materno e paterno, questões que Teresa julga de extrema importância no desenvolvimento de uma criança e adolescente.

Porém, conversando com as crianças, percebemos um ponto de vista diferente. Notamos que as crianças entendem a ausência dos pais emigrados, pois mesmo com a saudade elas sabem que o retorno financeiro está sendo benéfico para a família. Algumas das crianças disseram estar “gostando” do pai ou da mãe no exterior, porque elas estão ganhando mais presentes e a situação financeira da família está melhorando. Porém, quando questionados se elas preferiam os pais aqui no Brasil, mas com um pouco de dificuldade financeira, ou se elas preferiam os pais longe, mas oferecendo uma vida melhor para a família, *todas* as crianças preferem os

pais próximos delas, e além disto, a maioria não tem vontade de morar no exterior com os pais, preferem que os pais voltem e a família permaneça no Brasil. E mesmo os pais oferecendo a opção para toda a família se mudar para o exterior, as crianças preferem continuar no Brasil, porque os pais comentam o quanto é complicado viver no exterior, elas têm consciência de que os pais apenas ficarão trabalhando, não terão tempo para passar com os filhos. E também sabem que os imigrantes sofrem preconceitos por serem imigrantes.

O caso de Fábio é interessante para contrapormos um ponto de vista juvenil ao dos adultos. Fábio mora com a família na Itália e está passando as férias na casa da tia (uma das professoras da escola) em Governador Valadares. Com a vivência na Europa perguntamos se Fábio desejava trabalhar no exterior quando for adulto, como os seus pais, e o garoto respondeu sua preferência pelo Brasil mesmo sabendo que há melhores oportunidades de crescimento financeiro no exterior. Bem, Fábio tem apenas *nove* anos e mora na Itália há seis anos com os pais e boa parte da família, com exceção da avó e da tia. Ele contou que seu pai foi o primeiro a ir para Itália e, após algum tempo, ele e a mãe foram ao encontro do pai. Hoje os pais trabalham porque buscam melhorar as condições da família quando retornarem ao Brasil e estão terminando de construir a casa. Fábio prefere morar no Brasil porque na Itália ele não tem tantas opções de diversão como aqui, mas reconhece que para trabalhar e estudar lá é melhor.

Fábio demonstrou maturidade e extrema compreensão da situação de imigração de seus pais, pois ele consegue reconhecer a superioridade econômica da Itália em relação ao Brasil, tanto que a maior parte dos seus familiares (tios, tias, primos) trabalham lá e estão conseguindo construir casas e adquirir bens, ou seja, estão conquistando estabilidade financeira em investimentos no Brasil. Fábio disse que os aspectos positivos da

imigração são vinculados ao retorno financeiro e à possibilidade de melhoria da qualidade de vida. Como exemplo ele falou da situação escolar e as diferenças que percebeu em relação à escola brasileira pois na Itália as escolas possuem melhor infra-estrutura como laboratórios, computadores, salas e melhor preparação dos professores. Ele nunca sentiu discriminação por parte dos seus colegas italianos, mas ele acredita que isto ocorra porque ele fala italiano e desde pequeno sempre estudou com os mesmos colegas italianos, ou seja, Fábio já está familiarizado com os costumes de lá. Porém, o garoto continua a afirmar que quando for adulto ele deseja retornar ao Brasil e continuar a sua vida aqui, ele não quer trabalhar como imigrante, pois sabe das dificuldades.

Após a entrevista de Fábio ficou claro que há diferenças entre a apreensão que as crianças têm do processo da migração: aquela que já passou pela experiência de emigrar ou sabe melhor dos motivos da emigração do pai, mãe ou outro parente próximo tem mais maturidade que as outras crianças que não conhecem exatamente o que acontece com os pais e apenas conhecem a materialização da migração nos presentes e na circulação de remessas. Isto porque as crianças envolvidas com a emigração não desejam passar pela mesma situação que elas vivem ou sabem que os pais enfrentam sob esta condição, apesar de toda coerção social ao afirmar os benefícios da emigração sob o aspecto financeiro.

Outros casos demonstram a complexidade das relações de parentesco, quando casamentos e separações anteriores e posteriores à migração tendem a acentuar aspectos dramáticos do processo. Entrevistamos Melissa e Mariano, ela com 11 anos e ele com 12 anos de idade. Melissa tem o pai trabalhando nos EUA há 4 anos e sabe que o motivo para o pai migrar foram as dívidas no Brasil. Atualmente o pai de Melissa trabalha numa pizzaria, mas após dois anos da ausência dele a

mãe pediu divórcio. O resultado é que a mãe de Melissa evita conversar sobre o pai biológico com a filha. Mas Melissa sempre conversa com pai pelo telefone e internet, pois durante as noites ela fica *na casa da avó paterna*, uma vez que o emprego da mãe é noturno. Ou seja, vemos aqui que as relações familiares adquirem contornos mais complexos e o percurso das crianças depende muito do empenho dos parentes distantes e da capacidade que têm de articular com parentes que permaneceram na cidade a aproximação com os filhos. A relação, para continuar a existir tem que ser mediada por alguém, em geral a avó.

A mãe de Melissa já tem filhos com outro homem e outro namorado e não costuma falar para Melissa e nem para o irmão mais velho sobre o pai biológico deles. Então, o maior contato dela com o pai é através da avó paterna. A menina afirmou que gostaria que o pai voltasse para o Brasil, já que jamais aceitaria ir morar com ele no exterior, pois não quer se separar da mãe e dos outros irmãos. Ao mesmo tempo, Melissa afirma que o ponto positivo do pai estar trabalhando nos EUA é poder oferecer mais coisas aos filhos, como presentes, roupas, lazeres que antes a família não tinha condições de realizar.

Mariano, garoto de oito anos nos contou que sua mãe emigrou para Portugal há um ano, ou mais, ele não tem muita certeza do tempo. Logo que a mãe emigrou, Mariano e o irmão menor foram morar com a avó materna, mas ele e o irmão não queriam mudar de escola, o garoto disse gostar muito da escola Arabela, então deixaram a casa da avó para ficar na casa da tia, mas o motivo foi somente a escola, pois a avó continua ajudando na criação deles. Eles não têm problemas em morar com a tia, mas gostariam de estar ao lado da mãe. O menino disse que sua mãe liga com frequência para eles porque procura aconselhar os filhos a ter bom comportamento na escola, evitar ficar somente na rua, serem educados com a

avó e a tia. A mãe também pede para Mariano ajudar na criação do irmão caçula, ou seja, a mãe mantém constante relação com os filhos. Além do mais, Mariano comentou sobre as ordens da mãe que, mesmo estando distante, é mais severa do que a tia e a avó. O menino também acha bom o fato da mãe estar trabalhando no exterior porque ela passou a ganhar mais no trabalho e isto faz com que a mãe dê mais presentes e envie dinheiro para ele e o seu irmão.

Aqui vemos que do ponto de vista das crianças, a ausência da mãe não significa necessariamente uma ausência de autoridade, nem que o lugar da autoridade "máxima" seja questionado. Aqui é a mãe quem cobra mais o menino, que quer saber sobre o rendimento escolar, etc. Por outro lado, ele também nos falou que a sua mãe está casada com um português, mas ele gosta do seu padrasto porque ele é delegado e gosta de ficar conversando. Além disto, a mãe e marido luso estão planejando levá-lo, juntamente com o irmão e a avó para todos morarem em Portugal, inclusive a mãe já fez o passaporte dos filhos. A mãe de Mariano separou-se antes da migração e o ex-marido nunca manteve contato com os filhos. No caso, a migração pode significar a *adição* de uma figura paterna e não a subtração, pois essa é anterior e independente do processo. Aqui temos um caso em que o futuro da organização familiar parece estar em Portugal, com a eminência de um reagrupamento familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos indicar a complexidade dos processos migratórios no que se refere aos filhos que permanecem no Brasil, no caso, na cidade de Governador Valadares. A primeira constatação é que há uma diferença entre o ponto de vista dos adultos que pensam o processo, principalmente as professoras envolvidas na educação formal da criança, e o ponto

de vista das crianças. Os mecanismos que os “pais ausentes” têm para manter a relação (envio de presentes e de remessas) e os arranjos familiares para o cuidado com a criança (criação por avós ou tias, mais frequentemente) são condenados pela sociedade mais abrangente. Os arranjos familiares são vistos como fracos, pois não dão conta de impor autoridade sobre as crianças e os mecanismos de manutenção da relação são considerados como potenciais “estragadores” de crianças, pois acabam por mimá-las demais. O mimo excessivo e a falta de autoridade causariam um desajuste juvenil.

Mas quando ouvimos as crianças, percebemos que elas, com diferenças óbvias em relação a idade, não condenam os pais pela ausência e sabem que os presentes e dinheiro são uma forma deles se manterem próximos. O valor do presente, para as crianças, é menos o presente em si e mais a constante reafirmação que a relação continua a *existir*. Por outro lado, todas na nossa pequena amostra sentiam como naturais os arranjos feitos para a criação delas na ausência dos pais, sem identificar com isso uma ausência de autoridade por parte da mãe, que em geral continua a exercer o papel que se espera dela mesmo à distância. Percebemos também que algumas delas, que passaram pela experiência da migração, têm muita consciência do esforço que fazem os pais e sentem-se reconfortadas por isso, num reconhecimento da vontade deles em investir no futuro da família.

O amadurecimento precoce dessas crianças parece também ser uma consequência da movimentação dos pais, pois desde cedo são confrontadas com situações que exigem uma reflexão sobre a natureza da família, a importância das relações e a responsabilidade com irmãos mais novos. Sem contar que a ausência, embora aceita, é sempre vivida como um sofrimento, uma espécie de desequilíbrio constante que precisa ser enfrentado, vivido.

Como vimos anteriormente, (Machado, 2006), a migração aparece como uma espécie de “jogo arriscado”, que impõe riscos à família e, ao mesmo tempo, oferece a possibilidade de melhor estruturar o núcleo familiar num lugar de poucas opções econômicas. Os riscos podem levar à própria dissolução familiar, à separação, a dificuldades de vários tipos, mas eles têm sido vistos em Valadares como menores que o desejo de estabelecer melhores condições a essa mesma família que se “ameaça” ao emigrar. Certamente, muitos são os casos dramáticos propiciados por essa aventura arriscada e temos visto que esses acabam por se tornar paradigmáticos, tendo uma reverberação muito grande.

**\* Igor José de Renó Machado é Prof. da UFSCar e Pesquisador do CEMI/UNICAMP.**

**\*\* Alexandra Gomes de Almeida é Aluna do curso de graduação em Ciências Sociais/UFSCar.**

## NOTAS

1 - As pesquisadoras são graduandas em Ciências Sociais na UFSCar e são/foram orientandas de iniciação científica de Igor José de Renó Machado. Agradecemos o trabalho de todas.

2 - Tratamos aqui apenas de famílias no começo do “ciclo familiar” (Fortes, s.d.) e de emigração de casados, solteiros/as com filhos ou divorciados com filhos. Há, obviamente, muitos que emigram solteiros, aos quais essa análise que propomos deve ser reavaliada e ponderada.

3 - Para uma análise do dinheiro como um fluxo de substância que mantém a existência da família à distância, ver Machado (2006).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, G. O.

(1999) “Estar Aqui..., Estar Lá...: Uma Cartografia da Emigração Valadarenses para os EUA”. In: SALES & REIS (orgs). *Cenas de Um Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo Editorial.

CASA DO BRASIL DE LISBOA

(2004) A ‘2ª vaga’ de imigração brasileira para Portugal (1998-2003), Estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal.

FORTES, Meyer

(s. d.) *Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico*. Brasília, UnB, Textos de Aula, Antropologia 6.

FUSCO, Wilson

(2001) “Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos”. In: CNPD, *Migrações Internacionais - contribuições para política*. Brasília, CNPD.

MACHADO, I. J. R.

(2005) “Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de alojamento - o caso dos brasileiros em Portugal”. *Iha, Revista de Antropologia*. Vol. 7, nº 1 e 2.

MACHADO, I. J. R.

(2005/2006) Projeto “Família e emigração: novas conexões entre Portugal e Governador Valadares” (CNPq – Processo 401739/2004-0 – Edital 34/2004).

MACHADO, I. J. R.

(2006) “Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares”. In: *25ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Goiânia, 11 a 14 de junho. v. CDROM.

OLIVEIRA, Sérgio.

(2006) “Sem lenço nem documento: brasileiros não-documentados em Portugal”. In: MACHADO, I.J.R. (org.) *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*. São Carlos, Edufscar.

PEIXOTO, J. & FIGUEIREDO, A.

(2006) “Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal”. In: MACHADO, I.J.R. (org.) *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*. São Carlos, Edufscar.

SCUDELER, Valéria Cristina

(1999) “Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos Estados Unidos”. In: REIS, R. R. & SALES, T. (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo Editorial, p. 193-232.

SOARES, W.

(1999) “Emigração e (I) mobilidade Residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano”. In: SALES, T. & REIS, R. R. (orgs). *Cenas de um Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo Editorial.

TECHIO, Káchia

(2006) “Pizza sabor identidade: brasileiros evangélicos em um restaurante na Costa da Caparica”. In: MACHADO, I.J.R. (org.) *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*. São Carlos, Edufscar.